

Projeto “Minha Casa Arauá”: Por uma outra História...

Rosane Bezerra Soares¹

Resumo

O artigo apresenta um projeto desenvolvido na região Nordeste do Brasil, no estado de Sergipe, município de Arauá. O texto inclui reflexões a respeito do campo de história e seu ensino, a partir de tópicos como a memória e a identidade. Por meio de entrevistas a artistas, artesãos e professores, procura-se construir as memórias de Arauá, que serão utilizadas como subsídios para o desenvolvimento de novos processos de educação.

Palavras-Chave: *memória_ identidade_ história*

Abstract

This paper is about a project that was developed in the Northeast of Brasil, Sergipe state, Arauá city. The text emphasis, in some parts, some thoughts about history and history teaching discussing aspects, like: memory and identity. An attempt is made to construct the memories of Arauá by means of interview with artists, artisans and teachers, that is used as subsidies for the development of the educational process.

Keywords: *memory_ identity_ history*

Apresentamos nesse breve artigo um projeto no qual os campos da história e da educação foram relacionados, implicando no desenvolvimento da formação teórica e prática de alunos do ensino fundamental e de educadores do município de Arauá, assim como de estudantes da Universidade Federal de Sergipe. Destacam-se, no projeto, estudos ligados à memória de habitantes de Arauá, município localizado na região centro-sul do estado de Sergipe, distante 99 km da capital, Aracaju. Assim, procuramos integrar a pesquisa teórica, por meio da bibliografia existente, com a prática de trabalho, enfatizando os pressupostos da história oral e das suas relações com os conceitos de memória e de identidade. Trata-se de um projeto interdisciplinar, que envolveu diversas áreas como *Design_ analisada em outro artigo_*, além de Geografia, Artes, Antropologia, Português, Matemática; entretanto, destacamos aqui os campos de história e de educação. O objetivo desse trabalho é apresentar as propostas e resultados do projeto “Minha Casa Arauá”, desenvolvido com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Sergipe, da

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, linha de pesquisa em História e Crítica da Arte. Professora Assistente do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Sergipe.

Secretaria de Ensino Superior (MEC/SESu) e das secretarias de Educação e de Assistência Social do município de Arauá.

O município de Arauá tem uma população de aproximadamente 9.746 habitantes, 37% vivendo na zona urbana e 63% na zona rural, apresentando como principal atividade econômica a agricultura. Destacam-se ainda como principais atividades econômicas a pecuária e uma indústria de laticínios. Com o sistema de transportes precário do município, muitos dos produtos utilizados pela população de Arauá são produzidos no local com o aproveitamento de materiais da região e confeccionados artesanalmente, como vassouras, esteiras, chapéus, vasilhas, etc.

Entre os problemas encontrados em Arauá destaca-se a exploração do trabalho infantil. Crianças das famílias de baixa renda trabalham especialmente na citricultura. O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil_ PETI _ foi implantado pelo Governo Federal no município em 1998, atendendo a 1134 crianças e adolescentes na faixa etária entre 7 e 15 anos. Apresentando como objetivo a erradicação das piores formas de trabalho infantil do país, o programa concede uma bolsa às famílias em substituição à renda que meninos e meninas traziam para casa. Em contrapartida, as famílias têm de matricular os seus filhos em um turno da escola e fazê-los freqüentar a jornada ampliada no outro turno quando, segundo as sugestões do PETI, monitores deverão desenvolver atividades artísticas, físicas e culturais com as crianças, além do reforço escolar. Em Arauá, a jornada ampliada é realizada em 14 unidades; as crianças e adolescentes são orientados por 28 monitores. O município possui 19 escolas de ensino fundamental, com o total de 2490 alunos compondo a rede escolar municipal, assistidos por 150 professores.

Diante desse quadro, representantes das secretarias de Educação e de Assistência Social de Arauá buscaram o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Sergipe com o objetivo de melhorar o atendimento às crianças do PETI.

Inicia-se então o projeto, organizado por estudantes da Universidade Federal de Sergipe sob a minha coordenação, partindo-se de uma pesquisa de natureza exploratória. Assim, os monitores do PETI são entrevistados a respeito dos principais problemas enfrentados em sala de aula. Baixa auto-estima, pouca sociabilidade e a falta de estímulo dos estudantes estavam entre os maiores problemas destacados pelos monitores.

Parte-se então da seguinte hipótese: a união de alunos e professores da rede fundamental de ensino, estudantes e monitores do PETI, gestores das escolas e das

Secretarias de Educação e de Assistência Social do município na construção de projetos interdisciplinares, com ênfase no conhecimento e valorização do patrimônio material e imaterial de Arauá tornaria o processo de ensino-aprendizagem mais estimulante, elevando a auto-estima e a sociabilidade dos alunos.

Organiza-se, então, um curso para a capacitação de monitores, professores da rede fundamental de ensino e gestores das escolas. O objetivo era capacitar educadores ampliando e integrando as ações sócio-educativas junto aos segmentos envolvidos no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, baseando-se na construção das memórias e na valorização do patrimônio cultural da região. Buscava-se ainda a integração entre o espaço escolar_ entendido como o ambiente estético, físico e cultural da escola e o espaço dos elementos da sociedade na qual se insere a escola. Os educadores foram então estimulados a construir projetos em cada escola ou grupos de escolas. Diante de tais propostas, o trabalho recebeu o nome de “Minha Casa Arauá”.

O estudo partiu dos pressupostos teóricos de POLLAK (1992), que considerou a memória um fenômeno construído, social e individualmente. O autor acredita ainda que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, individual e coletiva, pois estaria relacionada ao sentimento de continuidade e de coerência do indivíduo ou de um grupo. Memória e identidade seriam dinâmicas, ou seja, não deveriam ser compreendidas como essências de uma pessoa ou de um grupo; assim, a identidade coletiva surgiria dos investimentos de um grupo ao longo do tempo para dar a cada indivíduo o sentimento de unidade, continuidade e de coerência. Tais características pareciam extremamente relevantes diante de um quadro em que os estudantes apresentavam baixa auto-estima, pouca sociabilidade e falta de estímulo.

Num primeiro momento, adotou-se para a construção de conhecimento dos alunos da rede fundamental a utilização da história oral, a partir das histórias de vida de artistas e artesãos. A escolha do grupo de entrevistados justifica-se pela grande importância da arte, como meio de personalização, e do artesanato na tradição e no cotidiano de Arauá. Parte-se então para a construção e apresentação de projetos interdisciplinares com a participação dos alunos que realizam pesquisas de campo, o que resultou num trabalho integrado entre os estudos da escola fundamental e os daqueles que freqüentam a jornada ampliada. Crianças e adolescentes são direcionados a aulas fora da escola e, junto aos professores, realizam entrevistas aos artistas/artesãos, desenvolvendo assim a sociabilidade, treinando a leitura e a escrita; os questionários são construídos em sala de aula e, posteriormente, analisados em

grupo. A partir dos relatos, há um enriquecimento dos estudos sobre a cultura material e sobre Arauá, em geral, dados pelas visões narradas pelos artistas/artesãos.

No trabalho de pesquisa, a equipe da Universidade Federal de Sergipe tornou-se mediadora na organização das memórias e das ações. Paralelamente, os estudantes da UFS realizam entrevistas aos monitores e professores do ensino fundamental sobre as suas memórias no município de Arauá; todo o material foi utilizado posteriormente para a construção dos projetos. Assim, contribui-se para a reconstrução identitária.

Uma outra questão relevante está relacionada à produção de conhecimento sobre acontecimentos recentes ou que ainda estavam ocorrendo. Nesse trabalho, era possível dar palavras aos atores da história de Arauá, considerados como arquivos vivos. Não importava, no projeto, se algumas fontes poderiam ser consideradas como duvidosas em sua legitimidade. Parte-se do princípio de que nenhuma fonte seria detentora de uma verdade absoluta.

Como é sabido, essa perspectiva teórica foi consagrada com a criação do Instituto de História do Tempo Presente, em 1978, na França, sob a influência dos fundadores da Escola dos Annales, Lucien Febvre e Marc Bloch, que propunham, respectivamente, “compreender o presente por meio do passado e sobretudo o passado por meio do presente pois “a solidariedade do passado e do presente é a verdadeira justificação da história. Especialmente porque “a história do tempo presente, mais do que qualquer outra, é por natureza uma história inacabada: uma história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós e sendo portanto objeto de uma renovação sem fim” (*apud* BÉDARIDA,1996:221-229).

De acordo com a avaliação de Peter Burke em seu livro *A Escola dos Annales*, “a mais importante contribuição do grupo dos *Annales*, incluindo as três gerações foi expandir o campo da história por diversas áreas” (BURKE,1997:126). Conclui:

O grupo ampliou o território da história abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e do desenvolvimento de novos métodos para explorá-los. Estão também associadas à colaboração com outras ciências ligadas ao estudo da humanidade, da geografia à lingüística, da economia à psicologia. Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes das ciências sociais (Op cit,1997:126)

Sobre a educação tomou-se como referência as concepções teóricas do escolanovismo, do ativismo, da pedagogia da ação, do construtivismo, entre outros. Segundo a ótica do

ativismo ou pedagogia da ação, o aluno deixa de ser um ouvinte passivo-receptivo e passa a desempenhar um papel ativo e participativo através da realização de experimentos, projetos, pesquisas e vivências significativas. A cada nova descoberta, novos aprendizados são construídos, rejeitando a idéia de que o ensino se faz através de uma suposta transmissão de conhecimentos.

Entre as modalidades de ensino ativo que procuram superar a situação das Escolas Novas, estão aquelas identificadas sobre as bases do construtivismo. John Dewey foi um dos primeiros teóricos a desenvolver uma clara idéia dos pressupostos do construtivismo aplicados ao desenvolvimento infantil. Nesse contexto, parte-se do princípio de que o aprendizado é um processo ativo e o conhecimento, algo temporário, não objetivo, resultado da interação do indivíduo com os outros, com o meio-ambiente, com os objetos, a sua cultura e com a sociedade a qual pertence. O aprendiz não é, então, como uma “folha em branco” pronta para receber o “conhecimento”, mas constrói novos conhecimentos sobre os que já possui.

Diversos projetos foram construídos em Arauá, unindo alunos do ensino fundamental, professores de diversas disciplinas, gestores e os monitores do PETI. Alguns projetos envolveram duas ou mais escolas. Pais, alunos, professores e a comunidade em geral era convidada a participar da apresentação dos projetos. Entre os temas desenvolvidos, encontravam-se:

a) Projeto Clube dos Idosos, que incluiu a visita de estudantes do ensino fundamental ao local onde idosos se reúnem para contar histórias e produzir objetos artesanais como mantas, tapetes, brinquedos, etc. O projeto incluiu estudo sobre o artesanato tradicional e sobre os idosos de Arauá.

b) Projeto Fábrica de Bonecos, no qual foi realizada visita à casa de uma artesã que criava diversos bonecos de pano. O trabalho incluiu também a análise das tradicionais técnicas empregadas.

c) Projeto Casas de pau-a-pique, voltado para o estudo de técnicas artesanais de construção de casas que estão em processo de desaparecimento, com a posterior produção de material didático.

d) Projeto Retratos Pintados, que envolveu pesquisa sobre os tradicionais retratos de famílias pintados artesanalmente. Os estudos incluíram análises sobre as origens das famílias e, na apresentação do projeto, foi homenageado o casal mais idoso de Arauá.

Outros projetos privilegiaram as músicas e danças, com a participação de músicos do local e da comunidade. Também foram desenvolvidos projetos destacando a culinária e as festas tradicionais de Arauá, a indumentária_ incluindo a organização de um desfile de modas ao ar livre com crianças e adolescentes vestidas com roupas produzidas em crochê_ , as ervas medicinais_ envolvendo estudos sobre a sua utilização_; enfim, os temas foram variados e os envolvidos puderam refletir sobre as múltiplas manifestações culturais.

Ao final do semestre, constrói-se uma grande exposição com reproduções das pinturas de J.Inácio, artista nascido em Arauá que havia então completado 95 anos. As obras inspiraram a criação de trabalhos artísticos pelos alunos, os quais foram também expostos junto às pinturas de J.Inácio, que esteve presente na abertura da mostra.

Utilizando predominantemente as cores da bandeira brasileira, verde e amarela, em suas pinturas, muitas das telas de J.Inácio parecem nos remeter aos matizes encontrados com maior freqüência no município onde o artista nasceu, caracterizado por amplos espaços verdes salpicados com frutos amarelos. Entre as obras de J.Inácio, alguns temas parecem predominantes, como pinturas de bananeiras, homens do campo, casas de farinha, casebres, garças, interiores, etc., o que, mais uma vez, remete-nos à paisagem de Arauá. Assim, supostamente, o estudo das obras de um artista nascido na região e premiado internacionalmente seria estimulante e elevaria a auto-estima dos alunos; para isso, também contribuiria em grande parte o fato dos estudantes poderem observar temas e cores que lhes pareceriam familiares. Além disso, o conhecimento da vida do artista que iniciou os trabalhos utilizando materiais naturais e de fácil acesso como o carvão riscado sobre as calçadas poderia contribuir para a identificação entre as crianças e J.Inácio, ou seja, apresentariam histórias semelhantes, além do principal fator que os uniria, a origem no município de Arauá. Supõe-se que seria estimulante para os alunos a observação de que a ausência de recursos ou materiais nobres não teria impossibilitado o desenvolvimento pleno da arte de J.Inácio.

Durante o desenvolvimento dos projetos, estuda-se a vida e a obra do artista plástico J. Inácio; observa-se assim a integração do conhecimento da cultura local e da prática pedagógica, revertidas para a sala de aula transformando-se em ensino- aprendizagem.

Observa-se o despertar da motivação dos alunos diante de projetos de pesquisa elaborados com liberdade de adequação à realidade de cada instituição de ensino ou povoado onde foram inseridos. Alguns grupos enriqueceram os estudos promovendo visitas à casas de farinha do povoado, onde os alunos desenvolveram entrevistas aos trabalhadores e observaram a relação do entorno com a obra “Casa de Farinha”, de J. Inácio. Outros grupos

programaram passeios à plantações de bananeiras, observando cores, formas e criando em seguida trabalhos artísticos relacionando as imagens captadas nos passeios às obras de J. Inácio que as representam.

As pesquisas auxiliaram o desenvolvimento da aprendizagem por meio da interdisciplinaridade. Nas aulas de matemática, foi estudada a relação entre o comprimento e a largura das folhas das bananeiras buscando-se proporções; nas aulas de ciências os alunos pesquisaram o poder cicatrizante da seiva e a utilização dos frutos. Nas aulas de artes foram analisadas as possibilidades de utilização de pigmentos naturais, de diferentes tonalidades; os pigmentos foram empregados, assim como o carvão dos fogões de lenha, para a elaboração de pinturas inspiradas nas obras do artista. Nos projetos desenvolveram-se ainda canções, versos e uma peça de teatro destacando a cultura de Arauá e a vida de J. Inácio.

Na conclusão do projeto, os estudantes da Universidade Federal de Sergipe destacaram a importância da experiência em sua formação. Entretanto não pretendemos, aqui, analisar o projeto sob esse ângulo. Interessa-nos avaliar os resultados de acordo com o objetivo inicialmente exposto.

Entrevistados, os educadores destacaram os resultados alcançados, como: elevação da auto-estima dos estudantes e de elementos representativos da comunidade; integração de conhecimentos das diversas áreas curriculares; maior motivação, engajamento e dedicação das crianças e educadores nas suas práticas; maior dinamismo no processo de ensino-aprendizagem; maior integração entre professores, monitores do PETI, gestores, alunos e a comunidade; maior integração entre os estudantes de séries variadas, faixas etárias e gêneros; maior integração entre o espaço da escola e o espaço dos elementos da sociedade na qual se insere; desenvolvimento da autonomia de professores e alunos na criação de projetos; valorização da cultura regional, do patrimônio cultural; valorização de elementos expressivos da comunidade, especialmente artistas e artesãos.

Aplicada, inicialmente, em alguns povoados, a proposta foi adotada por todo o município.

Referências:

ARANHA, M. L. A. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 1996.

BÉDARIDA, F. “Tempo presente e presença da história”. 1996, In: *Usos e Abusos da História Oral*. (FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína, orgs.) Rio de Janeiro: FGV, 1996. pp. 219-229.

BURKE, P. *A Escola dos Annales 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 126.

CARRETERO, M. *Construtivismo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JENKINS, K. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2005.

POLLAK, M. “Memória e Identidade social”, In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5. n. 10., 1992. pp. 200-215.

SOARES, R. B., RUIZ, F. A. “Arte, Design e Educação Multicultural”, In: *Anais do I Congresso Educação, Arte, Cultura*. Santa Maria, RS: UFSM, 2007.